

**A SOLIDÃO DOS MORIBUNDOS: SEGUIDO DE ENVELHECER E MORRER:  
ALGUNS PROBLEMAS SOCIOLÓGICOS**

*THE LONELINESS OF THE DYING: POSTSCRIPT AGEING AND DYING: SOME  
SOCIOLOGICAL PROBLEMS*

*Lourdes Del Giudice Borges<sup>1</sup>*

Norbert Elias (1897 – 1990), alemão de origem judaica, sociólogo de formação, é um dos principais representantes da Sociologia contemporânea. Foi um importante pensador social do século XX, tendo sua obra um incontestável valor. O autor teve diversas obras publicadas em português, tais como: *Os Alemães* (1997); *Os estabelecidos e os outsiders* (2000); *Mozart: Sociologia de um gênio* (1995); *Norbert Elias por ele mesmo* (2001); *Sobre o tempo* (1998); *A sociedade de corte* (2001) e *A solidão dos moribundos* (2001). O autor publicou ainda a obra denominada *O processo Civilizador* em dois volumes (1990, 1993), no primeiro volume o autor analisa a história dos costumes e no segundo volume volta sua análise para a formação do estado e a civilização.

O livro de Norbert Elias denominado “*A solidão dos moribundos*” seguido de “*Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos*” analisa e discute a dificuldade do ser humano em enfrentar a finitude da vida. O autor analisa ainda como uma sociedade avançada comporta-se diante da morte, bem como os dilemas vividos com relação a encará-la como realidade e as atitudes com relação aos outros e a si mesmo. Elias, ao longo da obra, assinala que “na verdade, não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos” (*ibid.*, p. 11). Elias afirma que é a consciência da morte que traz problemas para os seres humanos, a decadência biológica e a relação com o que tem e traz à vida. O autor assinala que “experiências e fantasias da primeira infância desempenham papel considerável na maneira como as pessoas enfrentam o conhecimento de sua morte próxima” (*ibid.*, 16). Ao longo do texto, assinala as perspectivas

<sup>1</sup> Assistente social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, especialista em *Serviço Social e Pediatria* pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Serv. Soc. & Saúde, Campinas, SP v.14, n.1(19), p. 119-122, jan./jun. 2015 ISSN 1676–6806

analíticas de diferentes épocas históricas em face da morte. Pondera ainda sobre o que leva à solidão dos moribundos, enfatizando a íntima relação entre essa solidão e as transformações decorrentes do desenvolvimento social (*ibid.*, p.12).

Elias afirma que, no estágio atual no qual se encontram nossas sociedades, onde está presente uma expectativa de vida maior havendo uma tendência para o esquecimento da morte no decorrer dos dias vividos. Segundo o autor, na atualidade, a “morte é recalcada” (*ibid.*, p. 15). Ancorado em análise sociológica sobre a experiência da morte ao longo dos séculos e no conceito de Freud sobre recalçamento o autor analisa esse processo ativo no qual o indivíduo tenta manter suas emoções, desejos, tudo aquilo que é passível de entrar em conflito consigo mesmo ou com o mundo, ao nível do inconsciente, mas regido pela interdependência com a sociedade em que vivem, influenciando e sendo influenciado ao mesmo tempo. Segundo o autor, a característica marcante da sociedade moderna consiste no alto grau de individualização, na ampla e “constante contenção de todos os impulsos instintivos e emocionais fortes e uma tendência ao isolamento” (*ibid.*, p. 67). Para o autor há “um constrangimento diante da finitude da vida, que separa tanto os vivos dos moribundos quanto estes dos vivos” (*ibid.*, p. 67).

Elias reconhece que na história da humanidade, esconder a morte da consciência sempre esteve presente, porém os mecanismos mudaram. Atualmente os avanços científicos e tecnológicos que tem permitido o prolongamento da vida e a possibilidade de terceirizar os cuidados com os velhos e moribundos, são as formas mais comuns para encobrir o processo de envelhecer e morrer. O autor assinala, inúmeros temores que envolvem o fato de envelhecer e morrer, bem como destaca o constrangimento social e o desalento que frequentemente cercam a esfera da morte e que não tem levado a mudanças de atitudes frente à questão. Segundo sua análise, a forma de assegurar às pessoas maneira natural e serena de morrer ainda está por ser descoberta, mas existem alguns meios para se mudar a atitude frente à morte: a amizade e a solidariedade dos vivos e o “sentimento dos moribundos de que não causam embaraço aos vivos” (*ibid.*, p. 76). O autor ao final de sua análise assinala que a morte “não tem segredos. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias” (*ibid.*, p. 77).

No texto *Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos* (p.79-104) o autor discute a dificuldade das pessoas frente ao envelhecimento do outro, afirma o autor que as pessoas “não podem imaginar a situação em que suas próprias pernas e tronco deixam de obedecer a sua vontade” (*ibid.*, p. 79). Segundo o autor, “o poder e o *status* das pessoas mudam rápida ou lentamente, mais cedo ou mais tarde, quando elas chegam aos sessenta, aos setenta, oitenta ou noventa anos” (*ibid.*, p. 83). Afirma ainda que “muitos asilos são, [...] desertos de solidão” (*ibid.*, p. 86).

Nessa obra, o autor discute em profundidade a natureza especial da morte nas sociedades industriais desenvolvidas, assinalando “o isolamento emocional como uma das características preeminentes” que surge “de modo particularmente claro se compararmos os procedimentos e atitudes relativos à morte nas sociedades em estágios mais avançados aos dos países menos desenvolvidos” (*ibid.*, p. 86).

Nesta perspectiva analítica, o autor ressalta que o “estoque de conhecimentos da sociedade em relação aos aspectos biológicos do envelhecimento e da morte aumentou muito nos últimos dois séculos” (*ibid.*, p. 89), tornando-se mais fundamentado e realista. Contudo assinala que “o que é decisivo é o conhecimento não dogmático do que é benigno e do que é maligno na natureza” (*ibid.*, p. 95). Não somente conhecimento biológico com seus avanços, mas o conhecimento da pessoa humana, o ramo do conhecimento onde os problemas discutidos nesta obra estão inseridos.

O autor instiga o leitor a refletir ao chamar a atenção sobre questões vividas pelo ser humano em relação a morte, a interdependência vivida entre o indivíduo e a sociedade onde se está inserido, o quanto podem influenciar de forma substancial o sentido da vida para os que envelhecem e para os que estão morrendo. O conhecimento da pessoa humana em seu contexto individual e social traz significados surpreendentes para que se possa compreender a finitude da vida com solidariedade, afeto e cuidado real. Assinala que na atualidade, “o cuidado com as pessoas às vezes fica muito defasado em relação ao cuidado com seus órgãos” (*ibid.*, p. 103).

## REFERÊNCIAS

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**, seguido de **Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

